



IUM Atualidade



***China Contra China: Atividade Aérea no Estreito da Formosa
como Potencial Catalisador de um Conflito Alargado***

Coronel (Res) José Carlos Cardoso Mira



*Número 23
Abril 2021*

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR

China Contra China: Atividade Aérea no Estreito da Formosa como Potencial Catalisador de um Conflito Alargado

Autor:

Coronel (Res) José Carlos Cardoso Mira

Centro de Investigação e Desenvolvimento do IUM

Abril de 2021

A publicação ***IUM Atualidade*** visa publicar eletronicamente no sítio do IUM, ensaios ou artigos de opinião sobre temas de segurança e defesa da atualidade, assim como trabalhos sobre temáticas pertinentes e de mais-valia para a *práxis* do Instituto, preferencialmente da autoria de docentes do IUM, investigadores do CIDIUM ou de outros investigadores nacionais ou estrangeiros, a convite do Diretor ou por iniciativa própria.

Números publicados:

1. Intervenção Militar Francesa no Mali – Operação SERVAL (Abril de 2014)
 Tenente-coronel de Infantaria Pedro Ribeiro
 Major de Infantaria António Costa
 Major de Infantaria Hugo Fernandes
2. A Aviação Estratégica Russa (Dezembro de 2014)
 Coronel Técnico de Manutenção de Armamento e Equipamento José Mira
3. A Crise na Ucrânia (Março de 2015)
 Tenente-coronel de Engenharia Leonel Martins (Coord.)
 Tenente-coronel Navegador António Eugénio (Coord.)
4. A Dissuasão Nuclear na Europa Central (Outubro de 2015)
 Coronel Técnico de Manutenção de Armamento e Equipamento José Mira
5. Afeganistão treze anos depois (Fevereiro de 2016)
 Tenente-coronel Técnico de Informática Rui Almeida
6. O Aviador do Futuro: evolução expectável e possíveis contributos da *Internet* das Coisas (IoT) (Abril de 2016)
 Coronel Piloto-Aviador António Moldão
7. (Versão Portuguesa)
 Regras e Normas de Autor no CIDIUM: Transversais e Específicas das Várias Linhas Editoriais (Julho de 2017)
 Coronel Tirocinado Lúcio Santos
 Major Psicóloga Cristina Fachada
7. (Versão Inglesa)
CIDIUM Publication Guidelines: General and Specific Guidelines of the IUM (Novembro de 2017)
 Coronel Tirocinado Lúcio Santos
 Major Psicóloga Cristina Fachada
8. Capacidades balísticas no território de Kaliningrado (Dezembro de 2017)
 Coronel Técnico de Manutenção de Armamento e Equipamento José Mira
9. O processo estratégico do poder financeiro internacional para a defesa do interesse nacional (Junho de 2018)
 Professora Doutora Teodora de Castro
10. Armas “proibidas”: O caso dos lasers cegantes (Julho de 2018)
 Coronel (Res) José Carlos Cardoso Mira
11. A “nova” república da Macedónia do norte: significado geopolítico e geoestratégico (Agosto de 2018)
 Tenente-coronel (GNR) Marco António Ferreira da Cruz
12. Mobilidade no espaço da CPLP: Desafios securitários (Setembro de 2018)
 Major de Artilharia Pedro Alexandre Bretes Ferro Amador

13. A crise dos migrantes e refugiados no espaço Europeu. Contributos do instrumento militar (Novembro de 2018)
Major de Engenharia João Manuel Pinto Correia
14. *NATO after the Brussels Summit. An optimistic perspective* (Novembro de 2018)
Tenente-coronel de Infantaria Francisco Proença Garcia
15. John McCain: o militar que serviu a América e deixou um exemplo ao mundo (Dezembro de 2018)
Major de Artilharia Nuno Miguel dos Santos Rosa Calhaço
7. (2.^a edição, revista e atualizada) Regras e Normas de Autor no IUM (Janeiro de 2019)
Major Psicóloga Cristina Paula de Almeida Fachada
Capitão-de-fragata Nuno Miguel Brazuna Ranhola
Coronel Tirocinado Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos
16. O poder de Portugal nas relações internacionais (Março de 2019)
Professor Doutor Armando Marques Guedes (Coord.)
Tenente-coronel Ricardo Dias da Costa (Coord.)
17. Impactos da impressão 3d num futuro próximo (Junho de 2019)
Geanne Costa
Maria Clara de Abreu Rocha e Silva
Neandro Velloso
Tenebte-coronel Pedro Alenxadr Bretes Amador
Tiago Miguel Felício Dâmaso
7. (3.^a edição, revista e atualizada) Normas de Autor no IUM (Fevereiro de 2020)
Major Psicóloga Cristina Paula de Almeida Fachada
Capitão-de-fragata Nuno Miguel Brazuna Ranhola
Comodoro João Paulo Ramalho Marreiros
Coronel Tirocinado (Res) Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos
18. *INF-KILLER*: O míssil de cruzeiro russo 9M729 (Junho de 2020)
Coronel (Res) José Carlos Cardoso Mira
19. *United States Space Force*: Necessidade militar ou golpe publicitário? (Junho 2020)
Coronel (Res) José Carlos Cardoso Mira
20. A Europeização da Política (Julho 2020)
Dr. José Ribeiro e Castro
21. A Resposta Resiliente Europeia à Liderança Atrativa Inteligente Chinesa (Janeiro 2021)
Capitão (GNR) Adriana Marins
22. A ISAF e a NATO 13 Anos de Operações no Afeganistão: Uma Análise por Funções Conjuntas (Fevereiro 2021)
Coronel Tirocinado António José Pardal dos Santos (Coord.)
Tenente-coronel Ricardo Dias da Costa (Coord.)

Como citar esta publicação:

Mira, J. C. C. (2021). *China Contra China: a Atividade Aérea no Estreito da Formosa como Potencial Catalisador de um Conflito Alargado*. IUM Atualidade, 23. Lisboa: Instituto Universitário Militar.

Diretor

Tenente-general José Augusto de Barros Ferreira

Editor-chefe

Comodoro João Paulo Ramalho Marreiros

Coordenadora Editorial

Tenente-coronel Psicóloga Cristina Paula de Almeida Fachada

Capa – Composição Gráfica

Tenente-coronel Técnico de Informática Rui José da Silva Grilo

Secretariado

Primeiro-marinheiro Condutor Mecânico de Automóveis Rodolfo Miguel Hortência Pereira

Propriedade e Edição

Instituto Universitário Militar

Rua de Pedrouços, 1449-027 Lisboa

Tel.: (+351) 213 002 100

Fax: (+351) 213 002 162

E-mail: cidium@ium.pt

www.ium.pt/cisdi/publicacoes

ISSN: 2183-2560

© Instituto Universitário Militar, abril, 2021

Nota do Editor:

O texto/conteúdo da presente publicação é da exclusiva responsabilidade do seu autor.

CHINA CONTRA CHINA: A ATIVIDADE AÉREA NO ESTREITO DA FORMOSA COMO POTENCIAL CATALISADOR DE UM CONFLITO ALARGADO

CHINA VERSUS CHINA: AIR ACTIVITY OVER THE TAIWAN STRAIT AS A POTENTIAL IGNITER OF A WIDESPREAD CONFLICT

José Carlos Cardoso Mira

Coronel (Res.) Técnico de Manutenção de Armamento e Equipamento da Força Aérea Portuguesa
jmira@sapo.pt

RESUMO

A partir dos primeiros dias de 2021 tem-se verificado uma intensa atividade aérea levada a cabo por aviões militares da República Popular da China (RPC) nas proximidades da ilha de Taiwan. Dadas as ligações históricas da população de Taiwan aos Estados Unidos da América (EUA), qualquer mal-entendido ou incidente armado entre as aeronaves de ambos os lados, poderá servir de catalisador, não só a um reinício da Guerra Civil Chinesa dos anos 30 e 40 do século XX, como a um conflito alargado entre os dois gigantes da região do Pacífico. Procura-se no presente texto analisar brevemente tais operações aéreas, o seu enquadramento político e suas potenciais consequências, usando informação do domínio público.

ABSTRACT

Starting in the first days of 2021, there has been intense aerial activity carried out by military aircraft of the People's Republic of China around the island of Taiwan. Given the historical links between Taiwan's population and the United States, any misunderstanding or armed incident between both sides' aircraft may become an igniter, not only of a restart of the Chinese Civil War of the thirties and forties of the 20th century, but of a widespread conflict between the two giant powers of the Pacific as well. The aim of this article is to briefly analyze such air operations, their political framework and potential consequences, using publicly available information.

INTRODUÇÃO

A partir dos primeiros dias de 2021 tem-se verificado uma intensa atividade aérea levada a cabo por aviões militares da República Popular da China (RPC) nas proximidades da ilha adjacente de Taiwan, ou Formosa (nome dado pelos portugueses no século XVI), território formalmente designado pelas suas autoridades (e por alguns Estados) como República da China e, menos formal e mais historicamente, como “China Nacionalista”, por oposição a “China Comunista”¹.

Àquelas operações aeronáuticas², responde a força aérea nacionalista (RoCAF, *Republic of China Air Force*) com a ativação dos seus QRA (*Quick Reaction Alert*) de defesa aérea, empenhando obviamente caças armados, para vigilância dos aviões chineses continentais. É importante dizer que estes últimos penetram na *Air Defence Identification Zone* (ADIZ) de Taiwan, mas as ADIZ, também existentes noutros locais do globo, não constituem, para um Estado, espaço aéreo soberano. Ultrapassam os aviões continentais, no entanto, a linha média do Estreito da Formosa, delimitação histórica informal entre as áreas de interesse de ambas as entidades políticas³.

Dadas as relações antigas (atualmente ao nível não-embaixatorial) de Taiwan com os Estados Unidos da América (EUA), qualquer mal-entendido ou incidente armado entre as aeronaves em presença, poderá servir de catalisador, não só a um reinício da Guerra Civil Chinesa dos anos 30 e 40 do século XX, como a um conflito alargado entre os dois gigantes da região do Pacífico.

Procura-se neste texto analisar brevemente tais operações aéreas, o seu enquadramento político e suas potenciais consequências, usando informação do domínio público.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

É sabido que a Revolução Chinesa, concretizada em 1949, não foi vitoriosa a 100 % no que respeita à ocupação de território, mesmo tendo conquistado a capital Pequim, ou Beijing. Para além das exceções históricas de Hong Kong e Macau, administradas na altura por potências estrangeiras, e do Tibete, mais tarde anexado, o governo derrotado pelas forças de Mao Tsé-Tung, ou Mao Zedong, teve oportunidade de evacuar o território continental e refugiar-se na referida ilha, levando consigo um significativo número de cidadãos.

A derrota nunca foi reconhecida pelo General Chiang Kai-Shek, chefe daquele governo, o qual considerou que a República da China, instituída no princípio do século XX, continuava a existir, apenas localizada agora na ilha de Taiwan, com capital em Taipé, ou Taipei, em oposição à RPC, ocupante (ilegal, na visão nacionalista) do continente chinês (hoje em dia, o território apresenta-se internacionalmente sob a designação visível na Figura 1).

¹ No seu dia-a-dia, os cidadãos da República da China chamam ao seu território “Taiwan” e “China” à RPC.

² Mais de 50 eventos em dois meses e meio, diz https://air.mnd.gov.tw/EN/News/News_List.aspx?CID=89

³ Segundo o Ministério da Defesa de Taiwan, as medidas tomadas são “CAP aircraft tasked, radio warnings issued and air defense missile systems deployed to monitor the activity”.



Figura 1 – Designação oficial de Taiwan num espaço governamental

Fonte: Retirado de <https://en.rti.org.tw/news/view/id/2005001>

Tal posição política teve posteriormente o apoio de grande parte das potências mundiais, nomeadamente os Estados Unidos e seus aliados, opondo-se ao que defendia a então existente União Soviética, aliada da RPC na época. Assim, só nos anos 70 do século XX a RPC passou a ter assento nas Nações Unidas e seus organismos, substituindo a República da China (ou seja, Taiwan) dada a alteração da política externa americana, promovida por Nixon e Kissinger⁴(na sequência da chamada “diplomacia de ping-pong”, dado que o primeiro evento publico entre os dois países foi um jogo daquela modalidade, realizado no Japão em abril de 1971).

Consequentemente, inverteu-se a relação de forças diplomática, com a maioria dos Estados do mundo estabelecendo relacionamento com a RPC em detrimento da China Nacionalista, excetuando-se cerca de uma dúzia de Estados, normalmente de pequena dimensão, os quais reconhecem a República da China⁵. O caso mais notável deverá ser o da Santa Sé, sendo a Cidade do Vaticano o único local da Europa onde se pode encontrar uma Embaixada da República da China. Este cenário não impede que Taiwan tenha instalado em várias capitais mundiais um “Centro Económico e Cultural de Taipei”, caso de Lisboa⁶.

A dualidade política para a nação chinesa presta-se a várias confusões nos palcos internacionais: na Aviação Civil, por exemplo, nem sempre é sabido que a *China Airlines* é a companhia aérea sénior da República da China (Taiwan), enquanto a *Air China* é a companhia aérea governamental de Pequim. Não facilitando a questão, para além de ambas voarem aviões Airbus e Boeing, as Marcas de Nacionalidade para registo de aeronaves civis, previstas no Anexo 7 à Convenção de Aviação Civil Internacional (Convenção de Chicago) são as mesmas para ambos os territórios (letra **B**-). Apenas por detalhes como bandeiras pintadas nos aviões, por exemplo, se distinguirá a sua origem.

⁴ No atual ambiente COVID, algumas vozes preconizam a reentrada de Taiwan na Organização Mundial da Saúde (OMS) dado o grande sucesso das soluções empregues no território, resultando em reduzidíssimas taxas de infeções e de mortalidade. Uma das razões foi a decisão de fazer testes nos aeroportos aos passageiros provenientes da RPC, 24 horas após os primeiros alertas do final de 2019, segundo <https://en.rti.org.tw/radio/programMessageView/programId/1416/id/104472>, ao contrário de outros países e continentes que, por qualquer razão, entenderam tal medida não apresentar vantagens.

⁵ Até há poucos anos, tal acontecia com um dos Estados africanos lusófonos.

⁶ Dada a gigantesca diferença populacional entre os dois territórios chineses, é muito mais fácil encontrar um súbdito de Pequim que um súbdito de Taipé. No entanto, em Portugal, para além do Centro referido, existem entidades privadas com raízes na Formosa, por exemplo escolas de artes marciais chinesas.

Politicamente, se no início da separação acima descrita ambas as entidades políticas chinesas eram regimes de partido único, o Partido Comunista Chinês no continente e o *Kuomintang* em Taiwan, nas últimas décadas a ilha evoluiu para uma democracia multipartidária.

Cabe dizer que a RPC, no âmbito da sua política de “uma só China” considera ser Taiwan um assunto interno e um território rebelde, a ser reunido ao restante Estado em data futura, sob orientação do Partido Comunista Chinês. Esta visão não é partilhada pela generalidade dos cidadãos formosinos⁷, alguns dos quais exigem mesmo uma separação formal unilateral, o que seria *casus belli* para Pequim. No entanto, a realidade é que, apesar disso, existem desde há vários anos relações comerciais significativas entre as duas margens do Estreito da Formosa, oscilando de acordo com as crises políticas⁸.

GUERRA AÉREA

O panorama descrito tem-se traduzido, militarmente, numa situação de tensão inter-chinesa com setenta anos, por vezes mais atenuada, mas por outras chegando a efetiva hostilidade com trocas de fogo, particularmente no domínio aéreo, foco deste texto. Segundo *sites* não-oficiais⁹, naquele longo período terão existido um total de 60 a 75 abates de aeronaves em combate aéreo, divididos por 40 a 45 aeronaves continentais abatidas *versus* 20 a 30 aeronaves nacionalistas abatidas. Igualmente se verificaram deserções de pilotos, com aparente preponderância para o sentido RPC-Taiwan.

Dado o histórico apoio dos EUA a Taiwan, chegaram a estar destacados meios aéreos americanos na ilha Formosa em vários momentos (alguns municiados com bombas termonucleares, segundo cópias de mensagens-rádio americanas em tempos disponíveis na *internet*). Tais presenças cessaram nos anos 70, mas no período em que Washington considerava a Formosa como a “verdadeira” China, o apoio era notável, sendo exemplo os factos de, para além da força aérea americana, apenas a RoCAF ter operado o avião de reconhecimento U-2¹⁰ ou ainda ter sido a primeira no mundo a receber dos EUA caças bi-sónicos (F-104A, em 1960)¹¹.

Após aquela época manteve-se o fornecimento de material militar americano, por força de legislação dos EUA que obriga ao apoio a Taiwan, compensando a alteração de relações diplomáticas ocorrida¹². No entanto, não existindo relações diplomáticas por embaixada, aqueles fornecimentos, se decorrem pelo canal *Foreign Military Sales* (FMS), via *Defense Security Cooperation Agency* (DSCA), são feitos ao chamado *Taipei Economic and Cultural Representative Office in the United States* (TECRO) e não ao *Government of Taiwan* (já no canal *Direct Commercial Sales* (DCS), com menor intervenção do governo americano,

⁷ A administração atualmente no governo em Taipé, presidida por uma mulher, tem concretizado o distanciamento ao governo de Pequim, envolvendo a mais recente polémica comercial trans-Estreito os ananases formosinos, banidos da RPC.

⁸ Macau sob administração portuguesa constituiu, durante algum tempo, um dos pontos de transbordo de passageiros entre voos comerciais continentais e formosinos.

⁹ O antigo *site* www.acig.org, já não disponível. Alguns abates foram reivindicações não confirmadas.

¹⁰ Estes aviões voaram várias vezes sobre o continente chinês, com o apoio de uma agência americana, tendo alguns sido abatidos. A China Nacionalista compensou os EUA pelo seu apoio, participando com unidades militares na Guerra do Vietname, como fez também a Austrália.

¹¹ Na NATO, os F-104G apenas foram recebidos alguns anos mais tarde.

¹² Os meios fornecidos são habitualmente adaptados àquilo que os EUA consideram ser a ameaça chinesa continental, o que leva por vezes a diferenças de opinião entre EUA e Taiwan sobre o nível tecnológico e quantidades do material a fornecer.

designa-se o recetor simplesmente como “Taiwan”). Pequim protesta fortemente sempre que têm lugar transferências militares dos EUA.

Os principais meios da ordem de batalha aérea da RoCAF são assim de origem americana (como acontece nos outros Ramos, aliás) com as exceções de caças franceses Mirage 2000 (adquiridos num período de menor generosidade americana) e da solução que é o caça supersónico F-CK-1, desenvolvido nacionalmente com a colaboração de empresas dos EUA.

Adicionalmente à produção de várias dezenas destes caças, Taiwan produziu também jatos de instrução e tem desenvolvido diversos tipos de munições guiadas, lançadas do ar e da superfície. Construiu já alguns navios militares e parece preparar-se para a construção de submarinos, sob licença.

Entre o material aéreo americano fornecido ao longo dos anos, encontram-se caças F-16, atualmente sujeitos a um programa de modernização local que os transformará na versão avançada F-16V, a um ritmo de três por mês. Taiwan é pioneira nesta transformação, que outros países igualmente pretendem¹³, tendo modificado já 42 aviões em meados de março de 2021¹⁴.

Confirma-se, pois, Taiwan como um dos “tigres asiáticos” no que respeita ao desenvolvimento económico e tecnológico, o que já era notório no campo do *hardware* eletrónico, por exemplo em semicondutores.

O FRENTE-A-FRENTE

Referido o anterior, o facto é que existe uma enorme desproporção em recursos militares entre continente e ilha, especialmente nos aspetos quantitativos. A RPC tem ainda, nas últimas décadas, melhorado continuamente as suas tecnologias militares, desde os tempos longínquos em que construía cópias inferiores dos caças MiG-19 e MiG-21 até aos atuais aviões de combate nacionais que, nos casos mais recentes, apresentam já baixa detetabilidade¹⁵.

Se há umas décadas, a hipotética invasão de Taiwan pelos continentais era designada jocosamente por alguns americanos como “the million-man swim”, dadas as fracas capacidades em transporte marítimo e assalto anfíbio da RPC, hoje a situação já não será exatamente a mesma.

Assim, as movimentações aéreas nas proximidades da sua ilha preocupam deveras a população de Taiwan. Observando-se os vídeos em inglês produzidos pela *Radio Taiwan International*, emissora oficial do território, encontram-se programas com temas como “Chinese Incursions: Preparing for war, or psychological warfare?”¹⁶ o que reforçará, seguramente, a sensação de se viver “no fio da navalha”.

A origem de grande parte das aeronaves continentais é a província de Fujian, localizada diretamente em frente da Formosa. Nessa região chinesa encontram-se importantes forças militares, nomeadamente unidades de mísseis balísticos e de cruzeiro, as quais teriam papel fundamental numa hipotética solução musculada por parte de Pequim. E tal solução não deixaria de ter uma resposta americana, ao abrigo da legislação atrás mencionada.

¹³ A instrução dos pilotos em F-16 é feita no Arizona, EUA, empregando aviões de Taiwan, mas ostentando insígnias americanas. Outros países, incluindo um europeu, seguiram ou seguem ainda este procedimento.

¹⁴ Segundo se refere em <https://www.flightglobal.com/defence/taiwan-has-upgraded-42-f-16s-to-improved-v-standard/142951.article>

¹⁵ Segundo opiniões americanas, através do recurso intenso ao *hacking* metódico de empresas ocidentais.

¹⁶ Retirado de <https://en.rti.org.tw/radio/programMessageView/programId/1416/id/104232>

Analisando-se os 51 reportes emitidos pelo governo de Taiwan entre 1 de janeiro e 15 de março de 2021, nota-se que a maioria das saídas chinesas continentais, isoladas ou em pares, foram voadas por aviões turbohélice de vigilância, os quais não representam uma ameaça cinética direta ao território insular: Y-8 ASW 35 saídas, Y-8 RECCE 18 saídas, Y-8 EW sete saídas, Y-8 ELINT uma saída, Y-9 EW duas saídas, KJ-500 AEW uma saída.

No entanto, em 23 e 24 de janeiro e 20 de fevereiro de 2021, verificou-se um aumento quantitativo e qualitativo naqueles voos, com a atividade de jatos de combate (J-16 dezasseis saídas, J-10 doze saídas, JH-7 oito saídas, J-11 duas saídas e Su-30 duas saídas) e, sobretudo, de bombardeiros H-6K (10 saídas), mais ameaçadores pelo potencial uso de mísseis de cruzeiro. A atividade de janeiro não terá sido alheia à presença de uma força naval americana encabeçada por um porta-aviões, junto a Taiwan (ver Figura 2).

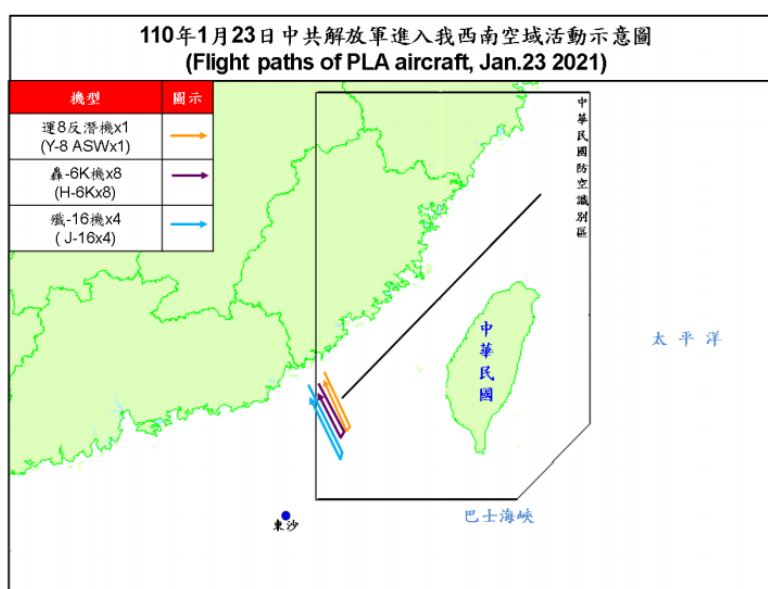


Figura 2 – Voos chineses continentais no dia 23 de janeiro de 2021, com os aviões indicados na legenda

Fonte: Retirado de https://air.mnd.gov.tw/Files/News/0123-Air%20activities%20ADIZ%20of%20R.O.C._202103061046.pdf

Também não contribui para a redução de tensões o facto de, segundo as autoridades formosinas, se verificarem voos de *drones*, oriundos do continente, sobre algumas ilhas de menor dimensão sob controlo de Taipé (algumas delas muito mais próximas de Fujian do que de Taiwan), segundo noticiários da região do princípio de abril.

Numa situação de hostilidades abertas entre ambas as partes, as ameaças a que as unidades aéreas em presença poderiam estar sujeitas (ali, como noutros locais) incluir-se-iam, numa análise sumária sem contornos doutrinários, em oito grupos:

1. Ataques cinéticos contra aeronaves em voo (pelo emprego de munições ar-ar e/ou superfície-ar);
2. Ataques cinéticos contra as unidades no solo (por meios terrestres, navais e aéreos – com aviões, mísseis ou *drones* – ou ação direta de operações especiais, sequestros, explosivos improvisados, eliminações seletivas, sabotagens, etc.);
3. Ataques de guerra eletrónica (visando impedir o uso da radiação eletromagnética pelas unidades, incluindo nas ligações entre estações terrestres e satélites);

4. Ataques cibernéticos (pela introdução, local ou remota, de *software* danoso, nos sistemas internos das aeronaves e ou nos sistemas de comando e controlo aéreo e de logística);
5. Ataques cinéticos espaciais (contra satélites em órbita úteis às operações das unidades). Seria um desenvolvimento grave, por introduzir uma nova dimensão no conflito e porque muitos destes meios não são propriedade de Taiwan (alguns são-no), mas de Estados estrangeiros, como os EUA;
6. Ataques do âmbito nuclear/radiológico, biológico ou químico (emprego de munições desses tipos ou por formas dissimuladas, como envenenamento de provisões e/ou água);
7. Operações psicológicas contra o pessoal das unidades, suas famílias ou a generalidade da população (desinformação e desmoralização por meios tradicionais como jornais, panfletos, TV, rádio ou por tecnologias de informação, incluindo mensagens pessoais). Poderão existir já operações deste tipo em execução;
8. Atividades de recolha de informação militar (*intelligence*), executada por meios tradicionais (humanos, óticos, escuta de comunicações organizacionais e pessoais, etc.) e/ou por meios cibernéticos, incluindo interceção de *e-mails*, SMS e *posts* pessoais. Aquelas atividades encontram-se em curso, sendo o aspeto mais visível (mas provavelmente não o único) precisamente as missões aéreas executadas com os aviões turbohélice de vigilância atrás referidos.

Diga-se que, naquela região, não são apenas os formosinhos que encontram aviões da RPC nas proximidades do seu espaço aéreo. Também o Japão publica regularmente estatísticas da sua atividade de defesa aérea relativa a voos chineses (e russos). No entanto, o conflito RPC-Taiwan envolve especial emotividade para as partes, com os consequentes riscos, mostrando-se na Figura 3 alguns dos tipos de aviões chineses continentais envolvidos.



Figura 3 – Algumas aeronaves chinesas continentais empenhadas nas missões em causa

Fonte: Retirado de https://air.mnd.gov.tw/Files/News/0123-Air%20activities%20ADIZ%20of%20R.O.C._202103061046.pdf

É correto referir que será muito provável que Taiwan igualmente execute missões de voo nas proximidades do espaço aéreo continental, dado que igualmente opera aviões turbopropelores de vigilância, em concreto EC-130H, P-3C e E-2T.

Do ponto de vista chinês continental, fica a saber-se, através dos *press releases* do Ministério da Defesa da RPC, que “[...] issues concerning Taiwan, Hongkong and Xinjiang matter for China's sovereignty and territorial integrity, which are totally China's internal affairs, allow no foreign intervention[...].” que “China firmly opposes any form of official contacts and military ties between any country and Taiwan” e ainda que “The Chinese People's Liberation Army will take all necessary measures to safeguard national sovereignty and territorial integrity[...].”¹⁷.

Também muito claramente se diz que “There is only one China in the world. Taiwan is an inalienable part of the Chinese territory. The Taiwan question is China's internal affair, which brooks no outside interference. The great rejuvenation of the Chinese nation and complete reunification of the two sides of the Taiwan Strait are inevitable. Any attempt by external forces to “contain China with the Taiwan question” or by “Taiwan independence” forces to seek “independence by force” will be a dead end.”¹⁸ *Casus belli*, portanto.

A NATO

Estando literalmente a meio mundo de distância do espaço euro-atlântico, a situação no Estreito da Formosa não está, no entanto, ausente das atenções da NATO (*North Atlantic Treaty Organization*, ou Organização do Tratado do Atlântico Norte). Por mais que uma vez desde o início de 2021, o mais alto responsável da Aliança Atlântica tem manifestado preocupação com os desenvolvimentos regionais. Assim, em 4 de fevereiro, o Secretário-geral Jens Stoltenberg referia, entre outros temas, “China is an authoritarian society, which does not share our values, we see that in the way [...] that they have threatened Taiwan ...[...].”¹⁹, um mês depois “[...] And then they try to expand their influence in the South China Sea, taking control there, threatening Taiwan.”²⁰ ou ainda, em 15 de março “We've also seen a more aggressive China and China also threatening Taiwan and other countries [...]”²¹.

Por seu lado, Pequim afirma que o “NATO report on China's rise a threat is baseless, false”²².

Se se afigura improvável um envolvimento direto da NATO numa qualquer evolução bélica naquela região do globo, já o apoio político e, hipotética e discretamente, logístico, poderiam vir a ser uma realidade, bem como a possível substituição de meios dos EUA eventualmente deslocados para o Pacífico.

¹⁷ Retirado de http://eng.mod.gov.cn/news/2021-01/05/content_4876565.htm

¹⁸ Retirado de http://eng.mod.gov.cn/news/2021-03/28/content_4882173.htm

¹⁹ Retirado de https://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_181208.htm?selectedLocale=en

²⁰ Retirado de https://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_181919.htm?selectedLocale=en

²¹ Retirado de https://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_182184.htm?selectedLocale=en

²² Retirado de http://eng.mod.gov.cn/news/2020-12/31/content_4876314.htm

A UE

Que atitude poderia tomar a União Europeia (UE), cujo Conselho tem a sua presidência rotativa assumida por Portugal durante o primeiro semestre de 2021, no caso de eclosão de um conflito inter-chinês?

Analisando o sítio da internet do *European External Action Service* (EEAS), o braço diplomático da UE²³, verifica-se que existe um relacionamento com Taiwan desde há décadas, tendo-se realizado em 2018 o *Forum on 30 years of EU-Taiwan Relations: Review and Prospect*, e encontrando-se localizado em Taipé o *European Economic and Trade Office in Taiwan*²⁴.

Por outro lado, têm-se realizado anualmente *Human Rights Consultations* entre representantes europeus e formosinos, nas quais se afirma “These Consultations confirmed that the EU and Taiwan share the same values of democracy, and respect for human rights and the rule of law [...]”, enquanto o relatório *2019 EU-Taiwan Relations* apresenta “[...] an overview of the bilateral trade and investment as well as collaboration on human right issues, climate change, circular economy, and science and technology between EU and Taiwan [...]”.

Todo este envolvimento não deverá agradar a Pequim, e no caso de um agravamento militar naquelas paragens a UE faria provavelmente apelo ao seu *soft power*, através de medidas políticas, diplomáticas e económicas, sempre sujeitas à correlação interna de forças e interesses dos diferentes Estados-membros e respetivas dependências, económicas e financeiras, da RPC.

NOTAS FINAIS

A região da Ásia-Pacífico encerra um turbilhão de eventos e potenciais conflitos, por vezes difíceis de seguir. A múltipla reclamação de direitos territoriais entre vários Estados locais não conduz à estabilidade. RPC, Taiwan, Japão, Coreia do Sul, Vietname e Filipinas, pelo menos, estão em disputa diplomática entre si²⁵, por várias ilhas e ilhéus naquelas águas, indutoras de direitos sobre recursos naturais. Pelo meio, a Marinha dos EUA transita os seus navios por águas contestadas, reafirmando a liberdade de navegação no alto mar.

No primeiro encontro de alto nível entre responsáveis da RPC e da nova Administração Biden, o qual decorreu em ambiente tenso, o tema Taiwan, entre outros, foi claramente abordado pela parte americana, o que não agradou aos delegados chineses.

Noutro plano, existem já obras literárias versando uma hipotética futura guerra entre EUA e RPC, como a recente publicada ficção “2034”, do ex-SACEUR²⁶ Almirante James Stavridis.

Neste contexto, é um facto indesmentível que a importância política internacional e o poder económico da RPC não cessam de aumentar. Mesmo num cenário COVID, a recuperação económica deste

²³ Retirado de https://eeas.europa.eu/headquarters/headquarters-homepage_en

²⁴ Retirado de https://eeas.europa.eu/delegations/taiwan_en

²⁵ Ocasionalmente com ressonâncias armadas, sob a capa das “guardas costeiras” daquela região, aparentemente cada vez menos de âmbito civil, na opinião do autor, por observação dos sistemas de armas.

²⁶ *Supreme Allied Commander Europe*.

Estado, que aparentemente terá estado na origem do problema²⁷, está a ser superior ao de muitas outras economias afetadas.

Talvez por esta razão, e outras, existem observadores internacionais opinando que a República da China (Taiwan) é um anacronismo insólito que oportunamente deverá ser assimilada pelo seu poderosíssimo vizinho/irmão/adversário. Poderão ainda dizer que tal assimilação não seria muito diferente do sucedido com Hong Kong e Macau²⁸. A enorme dimensão da China continental nos fatores estratégicos facilmente induz tais posições.

Outros, no entanto, poderão dizer que a lei do maior e mais forte e a política do facto consumado não deverão fazer parte da solução do problema, e que Hong Kong e Macau eram territórios administrados por estrangeiros, não por chineses como é Taiwan. Apenas uma abordagem de consenso, implicando potenciais alterações na configuração política do “Império do Meio” poderia funcionar. Esta última observação faz-nos considerar, numa perspetiva realista, que um enlace pacífico não deverá acontecer nos próximos anos²⁹.

Até lá, neste “tilintar de espadas” e supondo que as proverbiais sapiência e paciência orientais prevalecem, resta ao mundo esperar que não se ouça “*Fox Three!*” sobre as águas do Estreito da Formosa³⁰.

²⁷ Exatamente como, ainda está por ser completamente apurado. O relatório da OMS sobre o assunto foi já alvo de dúvidas de vários países, entre os quais os EUA, recentemente regressados àquele fórum.

²⁸ Num destes territórios, já se manifestam fortes divisões políticas. No outro, aparentemente, tudo está bem.

²⁹ Embora a RPC possa ter uma data politicamente inultrapassável, o centenário da Revolução maoísta, se o Partido Comunista Chinês ainda for poder nessa altura. Um potencial problema é que as gerações formosinas mais jovens estão pouco ligadas ao conceito histórico de República da China, preconizando muitos a independência formal e unilateral de Taiwan, o que poderia precipitar os acontecimentos.

³⁰ Código-rádio indicando o disparo de um míssil ar-ar de determinada classe, segundo o disposto no manual militar americano *Multi-Service Brevity Codes*.

POSFÁCIO DE AUTOR

José Carlos Cardoso Mira é Coronel Técnico de Manutenção de Armamento e Equipamento da Força Aérea Portuguesa, na situação de Reserva. É licenciado (pré-Bolonha) em Engenharia Mecânica – Manutenção (opções Aerodinâmica e Aeronáutica Aplicada) pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Concluiu a parte curricular do Mestrado em Transportes – Produção no Instituto Superior Técnico, em Lisboa. Possui a pós-graduação em Estudos da Paz e da Guerra nas Novas Relações Internacionais pela Universidade Autónoma de Lisboa. É detentor do Curso de Estado-Maior Conjunto do Instituto de Estudos Superiores Militares e do Curso Geral de Guerra Aérea do Instituto de Altos Estudos da Força Aérea. Possui, ainda, diversos cursos e ações de formação de curta duração, nomeadamente de qualificação técnica em cinco aviões, em informações militares e controlo internacional de tecnologias sensíveis. Desempenhou, ao longo da sua carreira, diversos cargos e funções de Execução, de Instrução, de Estado-Maior e de Comando e Chefia. Foi Comandante de cinco Esquadrilhas de Manutenção de Armamento e Aeronaves e Comandante interino de uma Esquadra de Manutenção - Base Aérea n.º 6; Adjunto do Chefe da Área de Segurança em Terra da Inspeção Geral da Força Aérea; Adjunto para a Análise de Informação, do Estado-Maior da Força Aérea – 2.ª Divisão; Docente da disciplina de Armamento Teórico do Curso de Bacharelato em Tecnologias Militares Aeronáuticas da Escola Superior de Tecnologias Militares Aeronáuticas, da Academia da Força Aérea; Adjunto do Chefe da Divisão de Projetos de Armamento e Equipamentos de Defesa e Chefe da Divisão de Controlo de Importação e Exportação na Direção Geral de Armamento e Equipamentos de Defesa. Foi representante no Grupo de Trabalho da União Europeia sobre Exportações de Armas Convencionais (COARM), no Acordo de *Wassenaar* sobre Controlos de Exportação para Armas Convencionais e Bens e Tecnologias de Duplo Uso, no *Missile Technology Control Regime*, no Grupo de Peritos Governamentais da Convenção relacionado com *A Proibição ou Limitação do Uso de Certas Armas Convencionais que Possam Causar Efeitos Traumáticos Excessivos*, e no Departamento de Assuntos de Desarmamento da Organização das Nações Unidas. Foi representante, do Ministério da Defesa Nacional, na Autoridade Nacional da Convenção sobre a Proibição do Desenvolvimento, Produção, Armazenamento e Utilização das Armas Químicas e nas atividades nacionais da *Proliferation Security Initiative*. Foi Chefe da Repartição de Armamento do Comando Logístico-administrativo da Força Aérea, Chefe da Repartição de Logística da Divisão de Recursos do Estado-Maior da Força Aérea, gestor do projeto de instrução de manutenção aeronáutica “*Collaborative Training in Virtual Worlds: F-16 Airplane Engine Maintenance*” em parceria com uma Universidade portuguesa, assessor em Cooperação Técnico-Militar na Direção Geral de Política de Defesa Nacional, e Chefe do Gabinete de Planeamento e Programação e dos Serviços Académicos do Instituto Universitário Militar. Integrou uma Força Nacional Destacada com aviões P-3P, relativa à ex-Jugoslávia (*NATO Operation Maritime Monitor*). É investigador do Centro de Investigação e Desenvolvimento do IUM, autor de mais de 20 artigos de âmbito aeromilitar publicados na revista *Mais Alto*, na *Revista de Ciências Militares*, na *Revista Militar*, na *Revista “Nação e Defesa”*, no periódico *IUM Atualidades*, e no Capítulo de Aeronáutica de quatro Livros do Ano da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

*Endereço eletrónico: cidium@ium.pt
Telefone : (+351) 213 002 100 | Fax: (+351) 213 002 162
Morada: Rua de Pedrouços, 1449-027 Lisboa*



*Capa
Composição gráfica
Tenente-coronel TINF Rui José da Silva Grilo
Sobre aguarela de
Tenente-general Vítor Manuel Amaral Vieira*